

Massacre de Tanninga

Grupo de bandidos era muito numeroso

por Gil Lauriciano

Uma fonte militar disse à AIM que a medir pela destruição e matança, o massacre de pelo menos 211 pessoas, quinta-feira, na região de Tanninga, só pode ter sido perpetrado por um grupo muito numeroso de bandidos armados.

O local onde ocorreu o massacre, cerca de 80 quilómetros a norte de Maputo, regista normalmente uma grande frequência de pessoas, particularmente à hora da chegada da coluna proveniente de Maputo.

A chegada da coluna de Maputo para o norte coincide com a concentração de veículos com destino a Maputo para regressarem com a escolta militar que protege a coluna no sentido oposto. Enquanto se espera a coluna de Maputo, os passageiros dos veículos em concentração descem e procedem a pequenas compras num pequeno mercado ambulante montado por residentes da aldeia «3 de Fevereiro», situada a menos de dois quilómetros do lado esquerdo da estrada, para quem vai para o norte.

O local é aberto e, da estrada, o alcance visual pode ultrapassar dois quilómetros.

As grandes covas abertas nas

proximidades do local, resultantes da extracção de areia para a construção civil, são os locais mais suspeitos onde os bandoleiros teriam tomado posições pouco antes de a coluna passar.

Numa extensão de 4000 metros estão espalhadas as carcaças dos cerca de 80 veículos incendiados pelos bandidos. Alguns continuavam em chamas até ao fim da tarde de sexta-feira, quando os jornalistas abandonaram o local. Há viaturas que chocaram entre si frontal e lateralmente, ou que se despataram a mais de 20 metros da estrada, o que dá a entender que quando começou o ataque houve um verdadeiro pandemónio.

Segundo a fonte militar, os bandidos armados teriam chegado ao local provenientes da zona de Calanga próximo da costa, onde se suspeita que os bandoleiros tenham instalado um importante acampamento ao qual chegam reabastecimentos sul-africanos via marítima.

«Na retirada, eles atravessaram a estrada na direcção oeste, mas isso não passa de uma simulação», disse a fonte.

A maior parte dos mortos foi recolhida na berma ocidental da estrada. Os cadáveres carbonizados

estavam espalhados em redor dos autocarros junto às portas de saída, do lado direito. Isto reforça a ideia de que os bandidos disparavam do lado da costa para a direcção oeste e as pessoas que tentaram abandonar os autocarros utilizando as portas de saída foram recebidas por balas. A segunda ideia é a de que muitas pessoas, após aperceberem-se de que o fogo vinha do lado direito espalharam-se pela mata a ocidente da estrada, tentando esconder-se debaixo de arbustos. Estas pessoas parecem ter sido, maioritariamente, assassinadas na altura da retirada dos bandoleiros.

Para além das carcaças de viaturas, ao longo dos quatro quilómetros podiam se ver espalhados diversos produtos, entre roupas, pão e milho, que eram transportados pelos veículos.

Rosa José, de 30 anos de idade, sobrevivente do massacre, disse à AIM que viu os bandidos saquearem as viaturas antes de as incendiar «Eu vi um grupo de cinco bandidos a descarregar sacos de açúcar de um camião e outros que estavam a descarregar coisas dos carros dos mineiros da África do Sul», disse ela.